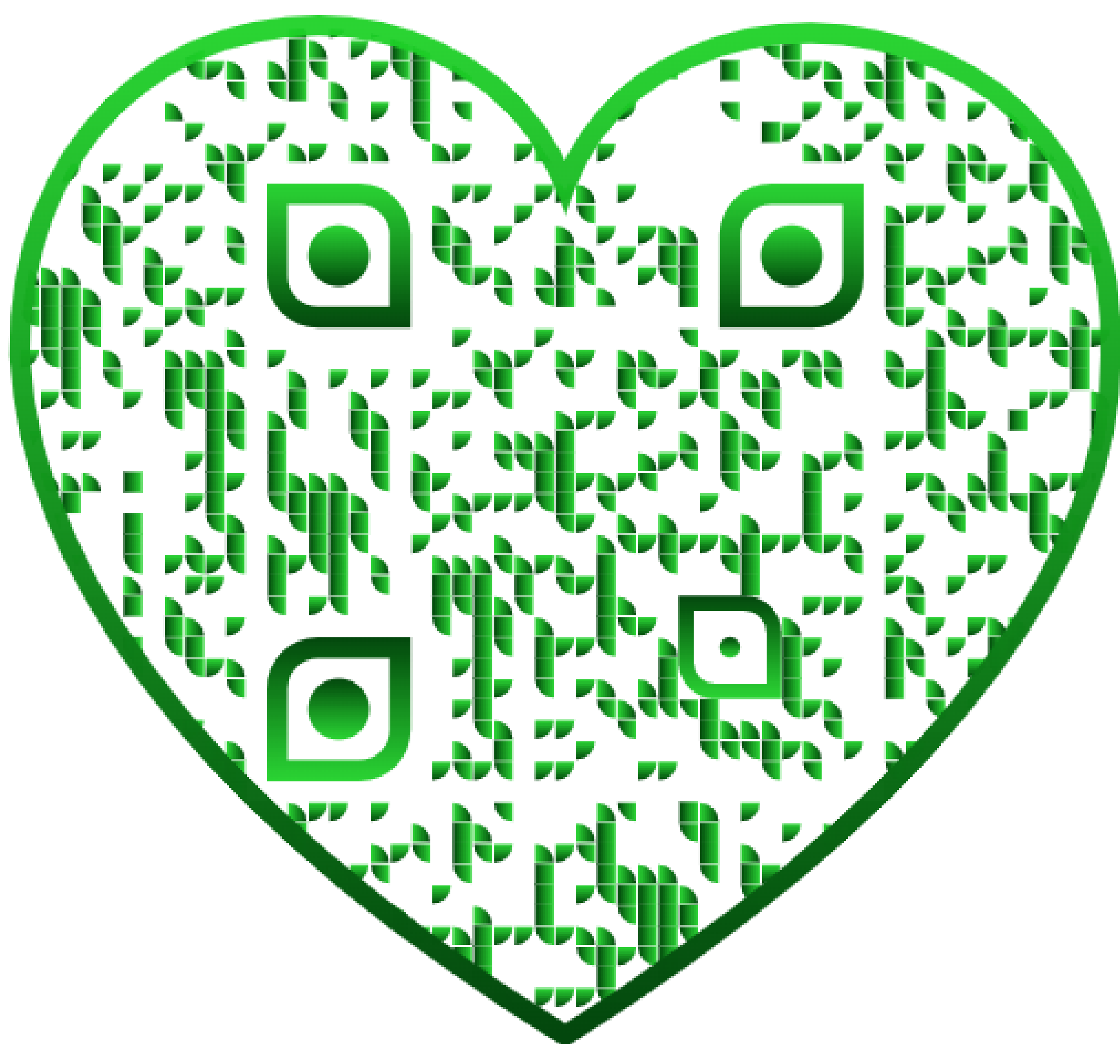
BABI LACERDA

MARCAS DO PASSADO





Copyright © 2019 Bárbara Lacerda

Todos os direitos reservados. É expressamente proibida a reprodução total ou parcial dessa obra através de qualquer outro meio, mecânico ou eletrônico, incluindo fotocopia, gravação ou armazenamento em sistema sem autorização por escrita do autor ou editor. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Publicado de maneira independente por Babi Lacerda pela Amazon.

Capa: Alice Prince

Diagramação: Babi Lacerda

Lacerda/ Babi

Marcas do passado/ Babi Lacerda

Rio Claro/ SP – 2019

Literatura Brasileira. Conto. Drama. Impróprio para menores de 16 anos.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

APOIE A LITERATURA NACIONAL

O silêncio das inocentes...



MARCAS DO PASSADO

“Guardar um segredo por 21 anos é algo solitário demais. ”

Babi Lacerda

Meus olhos estavam arenosos e secos. O relógio marcava 4:41 e eu já estava acordada desde às duas da manhã, após o pesadelo corriqueiro que me assombrava noite após noite.

Eu sempre despertava afoita, com a sensação de que havia uma rocha por cima do meu peito, e com os cabelos colados no rosto, molhados e endurecidos pelo sal do meu suor. Porém, apesar dessa rotina noturna parecer perturbadora, eu já estava acostumada, de certa forma.

Comecei a contabilizar as gotas do chuveiro que pingavam com uma certa lentidão, a atmosfera no quarto estava densa, o ventilador velho não estava sendo eficiente para refrescar as noites quentes e ainda por cima rangia, rasgando o silêncio da madrugada.

Apesar da sinfonia do chuveiro e do velho eletrodoméstico com hélices, meus olhos foram se fechando lentamente. Não demorou muito, e lá estava ele, o Pupa, agachado aos pés da cama. Seus olhos grandes e verdes me encaravam, enquanto sua boca enorme abria um sorriso maquiavélico. Permaneci imóvel, era real ou eu estava dentro dos meus pesadelos sombrios? Conforme o tempo passava, eu sentia uma enorme dificuldade em diferenciar o que era

real ou não.

A dor veio de repente, aguda, lancinante. Me contorci sob o colchão enquanto as lágrimas rolavam pelo meu rosto. O Pupa me encarava, ali, agachado nos pés da cama. Sua língua asquerosa e fria tremulava no ar antes de me perfurar várias vezes e, a cada investida, era uma parte minha que ele sorvia, devorando as minhas entranhas com seus dentes pontiagudos e enormes. Mastigava cada pedaço meu, sem desviar seu olhar, e sorria com a boca cheia de sangue e pedaços do meu corpo.

Me debati, chutando a cara daquele demônio devorador e então acordei no chão! Em um salto, me levantei e bati a mão no interruptor. Eu estava sozinha. Fui até a cozinha e fiz um café forte. Naquele momento, eu queria mesmo algo alcoólico, pouco me importava se ainda eram 5:34 da manhã. Enquanto o café ficava pronto, revirei minha bolsa. Eu também precisava de um cigarro, mas como não era um hábito, nem sempre eu tinha uma dose de nicotina comigo. Talvez fosse meu dia de sorte: lá estavam eles, dois lindos bastões cancerígenos, prontos para serem tragados.

Servi uma grande xícara de café, e quando abri a geladeira em busca de água, a garrafa de vodca sorriu para mim e nós flertamos. Era das mais baratas, mas eu não estava preocupada com isso. Misturei no café, fui até o quintal e, sentada no banco de madeira velho, debaixo da laranjeira que era herança da minha vó, bebi meu café batizado e fumei um cigarro.

Meu momento de prazer foi interrompido pelo barulho de algo caindo. Provavelmente aquele cretino tinha tentado se levantar! *"Droga, acho que calculei mal a dosagem do vecurônio, inferno. "*

Corri para dentro, peguei meu machado que ficava estrategicamente atrás da porta que dava para o quintal e desci as escadas do porão lentamente. Ter herdado uma casa antiga e com porão tinha sido a melhor coisa da minha vida.

— O que você pensa que está fazendo, seu imbecil? — Agarrei seus cabelos, levantando sua cabeça para cima, enquanto ele tentava rastejar seu corpo gordo sem rumo. Ele ainda estava grogue e não deve ter notado que não conseguiria mais andar.

Rapidamente, icei seu corpo e passei as alças da minha engenhoca por seu

peito, como aquelas coleiras de cachorro, e ergui aquele corpo de 120 kg, colocando-o de volta na maca de inox. Prendi pernas e braços, aproximei meu rosto do seu e inspirei o cheiro de medo e fezes que exalava dele.

— Menino mal! — gritei, expelindo gotas de saliva naquela cara inchada. — As coisas aqui são do meu jeito, Thomas. Eu cortei seus tendões, acima dos calcanhares, então você não pode mais andar, idiota. — Preparei mais uma dose de vecurônio. Ele arfava alto, parecia um porco morrendo, após ter o sovaco rasgado por um punhal, agonizando, até a morte o abraçar.

Injetei uma dose cavalar e permaneci ali, observando aqueles olhos verdes e desesperados me fitarem. Eu adorava o efeito dessa substância, a pessoa ficava completamente paralisada e consciente, era perfeito.

Me afastei, coçando a cabeça com as duas mãos, bagunçando meus cabelos, enquanto gritava, minha respiração começou a acelerar, andei de um lado para o outro.

— Isso é real. Isso não é real. Isso é real. Isso não é real.

Corri até o minúsculo banheiro do porão e, pela primeira vez em dias, me olhei no espelho. As olheiras estavam profundas, cabelos bagunçados e levemente sujos, meus lábios estavam pálidos. Já fazia alguns dias que não me alimentava direito. Comecei a chorar, apoiando as duas mãos na pia branca. Não sei por quanto chorei, até ver as gotas de sangue pingando na porcelana branca. Levei uma das mãos ao nariz e não tinha nada, dei um passo para trás e fui agarrada pelo Pupa.

Ele me segurou por trás, enfiando suas garras na minha barriga, o sangue vinha dele, sua boca estava cheia do líquido viscoso e alcalino. Seu odor era fétido, embrulhando o meu estômago. Tentei gritar, mas eu não tinha forças, ele aprofundava mais e mais as garras nas minhas vísceras. Me debati até atingir a exaustão. Ele era forte, me pressionou contra a pia, segurou meus cabelos e me fez encarar aquela cena: Eu e ele.

— Você agora é minha, Alexandra. Eu tirei tudo de você, sua imunda — sussurrou no meu ouvido, enquanto enfiava a sua língua de réptil pelo meu ouvido, soltando uma gosma preta, e então bateu minha testa contra o espelho. A escuridão tomou conta de mim e meu corpo sucumbiu.

Abri os olhos e fiquei seguindo a barata que andava velozmente até o ralo

mais próximo. Suas antenas pareciam dois GPS. O chão estava frio, levei uma das mãos até minha testa e não estava ferida. Meu estômago roncava, coloquei-me em pé e então deduzi o óbvio: eu tinha cochilado ali, no chão frio e sujo do banheiro. Corri até onde tinha deixado o Thomas, e lá estava ele: olhos estatelados e imóvel, sua boca espumava, mas eu sabia que era de ódio.

A campainha tocou. *“Inferno, droga, quem pode ser?”*.

— Não saia daí, Thomas, eu já volto. — Gargalhei como há tempos não fazia. Subi as escadas, arrumando os cabelos como dava, com as pontas dos dedos, sem me importar com os grunhidos dele.

Belisquei a bochecha para corar e abri o portão.

— Bom dia Xanda. — Era dona Yolanda, uma velha solitária que virou freguesa meses atrás. — Não vai abrir o açougue hoje? Parece um pouco indisposta, querida.

— Bom dia dona Yolanda. Eu acho que perdi hora, não imaginava que já passavam das oito. Se a senhora me der alguns minutos, me troco e já abro. — Tentei esboçar um sorriso.

— Você está doente, Xanda?

— Não, não estou doente não, eu só tive uma noite difícil por causa do calor. — Observei por cima dos ombros dela que havia mais pessoas esperando o açougue abrir. Ele ficava em frente de casa. — Eu já volto.

A senhora baixinha e de cabelos brancos entrou atrás de mim, eu não podia acreditar naquilo. Eu precisava ser rápida e me trocar o quanto antes. O porão estava isolado acusticamente, mas o isolamento não era dos melhores. Ali de dentro de casa era possível ouvir algumas peripécias de Thomas quando ele cismava em me desafiar.

— Xanda, me sirva um café, por favor. — Revirei meus olhos antes de encarar a velha chata. — Claro! Mas cuidado, meu café é forte. — Senti vontade de colocar vodca no café dela, mas não levei a ideia adiante, assim como senti vontade de arrancar a cabeça dela na machadada, mas ainda não era o momento certo.

Corri para trocar de roupa, eu sabia que nesse meio tempo a dona Yolanda iria xeretar onde pudesse. Dito e feito!

— Xaaaaanda.... — Sua voz fraca e rouca devido ao desgaste das cordas vocais me chamava sem parar. Gritei do quarto, enquanto abotoava rapidamente minha calça jeans. — Oi dona Yolanda, que foi?

A velha enxerida não respondia. *“Será que tranquei o porão? ”*. Sai feito um tiro, mas ela estava na cozinha, olhando fixamente para a porta que dava acesso ao meu andar inferior.

— Acho que tem ratos aí, Xanda. — Ela apontou seu dedo torto, enrugado e trêmulo.

Encostei meu ouvido na porta, fazendo uma cara séria. Claro que eu queria ouvir se o Thomas poderia ter se jogado no chão de novo, mas tive que fazer um teatro para a velha fuxiqueira e astuta.

— Ou pode ser os reféns que mantenho em cativeiro. — Olhei com seriedade para ela por alguns segundos e em seguida abri um sorriso largo. Eu estava achando graça de fato e comecei a rir, era a segunda gargalhada no dia. Ela entrou na minha e riu também, mas senti que uma nuvem de desconfiança pairou sobre sua cabeça de algodão doce.

Eu precisava agir, aquilo precisava acabar. Eu queria voltar a dormir novamente e seguir minha vida e não apenas fingir que eu havia feito isso.

Atravessei a rua correndo, dona Yolanda me seguia feito um cachorro abandonado. Já havia fila na porta do açougue.

— Me desculpem, eu perdi hora hoje. — Joguei a porta para cima, observando ela se enrolar toda. Toni, meu braço direito, chegou junto comigo, atrasado como sempre. Mas ele era muito querido pelos meus clientes, principalmente entre as mulheres, que sempre ficavam frustradas quando descobriam que ele era gay.

— Xandis, eu... — Toni já tinha usado todo seu estoque de desculpas, ele se atrasava pois estava namorando um rapaz novo e os dois passavam as noites enroscados nos lençóis.

— Não importa, Toni! Atenda o pessoal enquanto eu vou na câmara fria. — Pisquei para ele, demonstrando que estava tudo bem de fato, enquanto vestia minha japona para encarar os graus negativos.

Assim que a porta se fechou atrás de mim, senti que não estava sozinha. O som de risadas ecoava pelas paredes frias. Dei um passo para trás, prestes a

sair dali, mas eu era curiosa e já não sabia se estava sonhando ou se aquilo fazia parte do mundo real.

Uma garota de aproximadamente 14 anos passou por mim, ela ria enquanto corria de um garoto que talvez fosse um ou dois anos mais velho que ela. Os dois pareciam se divertir.

— Heeeeey! — O silêncio predominava novamente. Segui caminhando entre os corpos mortos que outrora haviam sido um boi, uma vaca ou um porco. — Heeeeeey, tem alguém aí? — Merda, eu acabara de fazer a típica pergunta clichê e idiota que sempre vemos nos filmes slashers.

“Eu quero te ver hoje, vou até sua casa à tarde para estudarmos, o que me diz?”, a voz estava bem próxima. Fiquei imóvel, me escondendo atrás de um pernil congelado.

Fui me aproximando dos dois, eles não podiam namorar dentro da câmara fria e sem roupa apropriada. Ele estava de costas para mim, com uma camiseta branca, calça jeans e um boné preto, coloquei a mão em seu ombro e, quando ele se virou, era o Pupa. Dei um grito e cai de bunda no chão, fui me arrastando para trás ao mesmo tempo que tentava desferir chutes naquela cara medonha. Ele se posicionou como um animal, sua língua estava descontrolada, sua boca arreganhou até rasgar as bochechas, os cabelos vermelhos esvoaçavam como se tivessem vida própria.

Tentei me levantar, mas o Pupa saltou para cima de mim, como um sapo nojento e maligno. Ele prendeu meu corpo, segurando minhas mãos para cima, enquanto lambia o meu rosto, como se fosse um ritual de acasalamento. Rasgou minha japona com suas garras, em seguida rasgou minha blusa, deixando meu sutiã à mostra. Os sons emitidos por ele eram tenebrosos.

Então ele tombou minha cabeça para o lado, deixando meu pescoço evidente e começou a passar a ponta de sua garra pelo comprimento dele. Sentia a pressão do sangue na minha jugular.

— Acabe logo com isso, seu maldito! Acabe logo com isso, me mate então! Me mate! — eu gritava com todas as minhas forças, me debatendo freneticamente.

— Calma, calma Xandis! Sou eu porra, Toni!

Meu coração parecia que ia rasgar minha pele. Toni segurava meus braços

com força, ajoelhado ao meu lado, com um semblante assustado. Eu não conseguia respirar, precisava sair dali.

— Você adormeceu, ou algo do tipo, começou a demorar demais e vim verificar. Quanto tempo faz que isso voltou a acontecer, Alexandra? — O tom de sua voz estava alterado.

Toni estava bravo, escondi dele dessa vez. Eu não queria falar que a minha insônia e delírios haviam voltado. Levantei, sai dali e notei o açougue vazio.

— Vamos fechar! Eu preciso que você venha ver algo. — Encarei Toni, enquanto meu estômago estava gelado. Eu não sabia qual seria a reação dele, mas eu não aguentava mais aquilo.

— O que aconteceu lá dentro? Com quem ou o que você estava sonhando?

— Pupa! Olha Toni, eu sei que vai me achar mais louca ainda, mas tinha uma menina dentro da câmara, tá? A porra de uma menina e um menino, que se transformou no Pupa e me atacou. — Quando dei por mim, estava agarrando os dois braços dele, o encarando.

Toni me olhava de volta e, após alguns minutos, me puxou para um abraço apertado, era o único lugar do mundo que me deixava segura.

— Tem alguém no meu porão. — suspirei profundamente — Lembra daquela noite que ficamos bêbados e nós dois divagamos sobre o que eu faria com Thomas se um dia o encontrasse de novo?

Ele me afastou, com os olhos arregalados, concordando com a cabeça e ele sabia perfeitamente de quem eu estava falando.

— Como você arrastou o Thomas até o seu porão? Alexandra, o que você fez?

Suas mãos tremiam. O pânico em sua voz me deixava nervosa.

— Eu também não sei ao certo, mas ele está lá, sem língua, sem os seus tendões nos calcanhares e imóvel, mas acho que está consciente. — Olhei para ele assustada, mas ao mesmo tempo orgulhosa, como uma criança que acabará de aprender a andar de bicicleta sem as rodinhas.

Toni me puxou pela mão e atravessamos a rua até em casa. Ele estava bravo e andava com raiva, praticamente me puxando, tropecei no machado que ficava atrás da porta.

— Que merda é essa, Alexandra? Hein? Que porcaria é essa aqui? — Ele gritava e eu sabia o que ele queria. Toni queria trazer Joana à tona e estava conseguindo.

Meus olhos pesaram, estralei o pescoço de um lado e depois do outro. Pendi minha cabeça para frente, encostando meu queixo no peito e comecei a rir enquanto fechava a mãos como se eu fosse socar a cara e alguém. Lá estava Joana, viva dentro de mim.

— Essa merda é para minha proteção! — Arranquei o machado das mãos dele e abri o porão. Toni me seguia, ele era o único que não tinha medo de Joana.

— Isso é real. Isso não é real. Isso é real. Isso não é real. — Eu repetia baixinho enquanto descia os doze degraus.

Comecei a andar de um lado para o outro, arrastando o machado pelo chão e rindo. Aproximei-me de Thomas e levantei o machado, pronta para o cravar no meio de sua testa.

— Não! Joana, não! Você vai acabar com a sua vida e com a vida de Alexandra. — O olhar de Toni refletia desespero.

Fiquei imóvel, com o machado para trás, olhando para o Toni.

— Chega! Eu vou acabar com o Pupa! Chega Toni, eu o procurei por anos, mesmo enquanto Alexandra negava, enquanto ela fingia que nada tinha acontecido, levando sua vida normalmente, carregando um segredo devastador assim. — Eu estava pronta. Soltei o machado, decepando a mão de Thomas. — Isso é para você aprender a não tocar em uma mulher se ela não quiser, seu filho da puta! Seu estuprador, seu monstro, seu pervertido. A cada adjetivo, um golpe.

Thomas espumava, chorando e se contorcendo como podia enquanto se urinava. Aquilo disparou a minha adrenalina, finalmente aquele monstro ruivo estava sofrendo. Foi involuntário, desferi 32 machadadas nele, tingindo eu e Toni com aquele sangue podre.

Foi então que a porta do porão rangeu e lá estava ela, a maldita Yolanda. Ela permaneceu alguns minutos ali, atônita e eu senti uma vontade louca de matá-la da mesma forma.

Me contive, isso iria arruinar todo o meu plano. Dona Yolanda ao menos me

poupou de chamar a polícia, conforme eu já havia planejado. Aquela velha nojenta tinha se incumbido disso.

Logo as sirenes começaram a soar, ainda distantes, mas era apenas questão de tempo. Eu precisava ser rápida e convencer o Toni a fugir.

— Some daqui Toni, some daqui! — Eu não podia acabar com a vida do meu melhor amigo. — Vai! — gritei até babar.

— Eu não vou te abandonar, minha preciosa. — Toni chorava compulsivamente enquanto segurava meus ombros.

— Meu precioso, escuta! — segurei seu rosto entre minhas mãos — Suma daqui eu tenho tudo sob controle. Apenas confie em mim! Vai! Agora! Vai Toni!

Ele titubeou, mas subiu as escadas. Passou pela velha enxerida a encarando com seu olhar ameaçador. Ela se manteve imóvel, qualquer tentativa de segurá-lo seria em vão, dona Yolanda não tinha mais forças para isso.

Gritei lá debaixo:

— Sua velha maldita, se você mencionar sobre o Toni para a polícia, eu juro que dou um jeito de mandar te matar da pior forma possível. Você sabe muito bem que o Thomas era um monstro.

Ela permaneceu em silêncio, afastando-se dali. Olhei para aquele corpo mergulhado em sangue pela última vez. Seus olhos e boca estavam abertos. Eu sabia que ele assombraria meus pensamentos pelo resto da minha vida, mas eu não conseguia me arrepender e meu coração estava leve, por mais errado que isso pudesse parecer.

A situação estava sob controle, eu sabia muito bem o que eu tinha que fazer, planejei por anos. Subi as escadas carregando meu machado e então ela estava lá, a menina da câmara fria, sentada no primeiro degrau da escada.

— Hey!

— Hey!

Sentei ao seu lado enquanto as sirenes ficavam mais altas. Faltava pouco.

— O Pupa morreu, finalmente — balbuciei, encarando-a. — Você nunca teve culpa de nada, nunca. Entende isso?

— Agora eu entendo! Afinal, quem *somos nós* depois disso tudo? — ela perguntou um pouco confusa, enquanto enrolava a barra do seu vestido manchado de sangue nos dedos.

— Eu sou Joana...eu sou Alexandra...eu sou você...eu sou as três. Eu sempre soube o que estava fazendo, e só assim eu seria capaz de matar o homem que tirou boa parte da *nossa* vida sem ser pega pela polícia.

— Mas...a polícia vai invadir a qualquer momento...você vai ser pega sim...fuja!

— Shiiiiu! Agora eu vou parar de olhar para você, você ficou lá atrás e está livre. Espero que, apesar de tudo, tenha orgulho de quem nos tornamos.

A jovem menina sorriu e seu olhar melancólico foi substituído por um olhar cheio de brilho, como há anos não acontecia.

Deixei que minha versão mais jovem fosse embora, mas esse reencontro com o passado tinha sido maravilhoso e necessário. Meus olhos pesaram e acordei com a polícia me algemando. Não resisti à prisão.

Alexandra estava de volta e agora eu só precisava terminar de colocar em prática o meu plano perfeito.

— Foi a Joana! Foi a Joana! — repeti diversas vezes, enquanto eu chorava compulsivamente. — Eu não sei o que aconteceu, acordei e...e tinha muito sangue...Eu não fiz isso, eu jamais faria isso. Me ajudem!

— Quem é Joana, senhora? Por favor acalme-se e responda a minha pergunta.

Eu só precisava despertar a ira do policial e lhe apresentar a Joana. Voltei a repetir a mesma frase, entre gritos e lágrimas, histericamente.

— Senhora, por favor.

Seu tom de voz já estava começando a ficar alterado. Ele me levou até a viatura e me colocou no banco de trás. Durante todo o trajeto me encarava pelo retrovisor, pude sentir o cheiro de medo que exalava de seus poros.

Bati a minha cabeça contra o vidro, uma, duas, três vezes e foi então que o policial parou a viatura e virou-se para mim, assustado. Estralei meu pescoço de um lado e depois do outro. Comecei a rir.

— O que você quer, seu porco imundo? O que você quer? Me tira daqui.

Onde eu estou? O que você está fazendo comigo? Eu vou te matar, seu filho da puta. — Eu berrava e me debatia.

Ele saiu da viatura e não demorou muito a ambulância encostou. Agora ele sabia quem era a Joana.

2 ANOS DEPOIS

Toni estava me esperando, e eu não via a hora de voltar para casa, mas minha estadia no hospital psiquiátrico não tinha sido tão ruim assim. Li vários livros e conheci pessoas que, teoricamente, não deveriam estar internadas ali. Outras eu sei que jamais sairão daquele lugar, mas eu as carregarei dentro do meu coração. Há um pouco de loucura na sanidade, e há muita sanidade na loucura.

— Como vai o açougue?

— Maravilhoso, já até abri o segundo. Obrigada por ter me vendido em suaves prestações, você é demais. — Após um longo e pesaroso suspiro, Toni afagou meus cabelos. — Vai mesmo embora do Brasil?

— Minha fama por aqui não vai passar tão já e acredito que ninguém vai empregar A Açougueira da 62. — Ri um pouco sem graça, não era engraçado.

— Eu te empregaria, oras. Só não pode dormir em serviço! — Toni deu uma piscadela.

— Se eu trabalhar para você, você vai falir. Eu sabia que seria assim, meu precioso. Enquanto muitos acham que “perdi a minha vida”, na verdade eu a recuperei. Embarco na próxima semana para a Irlanda, e espero você e Paulo irem me visitar.

Toni sempre soube do meu plano que começou com uma simples brincadeira entre dois amigos bêbados, mas ele nunca soube que eu passei cinco anos estudando sobre o transtorno dissociativo de identidade, juntamente com as leis. A Joana nunca existiu de fato, mas ela precisava convencer a todos, principalmente ao Toni.

Eu sabia que com isso eu ficaria internada em um hospital psiquiátrico e por

poucos anos. Tudo se encaixou perfeitamente para que eu pudesse dar seguimento ao meu plano e fingir ter desenvolvido uma dupla personalidade. Eu tinha tudo que era necessário: era mulher e havia sofrido um estupro, que obviamente se encaixava em uma situação traumática. Foi perfeito.

Meus pesadelos mórbidos haviam chegado ao fim com a morte do Pupa, agora só faltava aparar uma aresta antes de partir.

— Toni, me deixa no cemitério?

— Você não vai...?

— Só preciso me despedir, é rápido, pode ir para casa, eu chamo um Uber. Preciso disso.

Mesmo contrariado, ele me deixou ali e arrancou com o carro, me encarando pelo retrovisor. Fiquei um tempo parada no portão, pensando se aquilo era de fato uma boa ideia, mas acabei entrando.

Lá estava ela.

Dona Yolanda havia sido uma bela jovem, escolheram uma foto antiga para sua lápide. Não havia flores. Roubei um botão da lápide ao lado, estavam frescas. Pobre alma, mas eu precisava de um disfarce.

— Olá dona Yolanda! Que pena que a senhora nunca foi xereta em relação a vida do Thomas, seu neto, e lamento mais ainda por não ter me ouvido quando eu quis te contar.

Ajoelhei-me. Meus pensamentos fervilhavam e um nó havia sido atado em minha garganta. Prossegui meu monólogo.

— Eu não sou uma vagabunda, nunca fui. Seu neto era um estuprador e sempre me pego pensando em quantas outras mulheres tiveram suas almas mutiladas por ele. O que mais doeu não foi o sexo anal forçado ou as costelas quebradas, foi o roubo da minha inocência, da minha vida.

As copas das árvores farfalharam suavemente, por um instante era como se ela pudesse me ouvir.

— Espero que tenha gostado dos cortes nobres de carne que Toni preparava com tanto carinho, pena que elas continham arsênico. Ops!!! — coloquei a flor na lápide enquanto me levantava e olhei para os lados para me certificar de que não havia ninguém. Sussurrei, como se eu estivesse falando no ouvido

dela.

— Nada vai me fazer mais feliz na vida do que me lembrar todos os dias da sua cara ao ver seu neto levar 32 machadadas. Nunca vou me esquecer, sua monstra horrorosa. — Comecei a gargalhar freneticamente. — O melhor de tudo é que foi você que apareceu na minha vida, eu procurei por tantos anos e um belo dia, do nada, a senhora entrou no açougue e ao lembrar-se de mim ainda tentou empurrar o Pupa para ser meu namorado, como se nada tivesse acontecido.

Cuspi na lápide, virei as costas e enterrei meu monstro de uma vez por todas. A minha inocência jamais seria resgatada, mas algo dentro de mim havia mudado.

Toni era meu cúmplice, meu parceiro e irmão por escolha, não era fácil ter mentido para ele, mas eu precisava poupá-lo e foi o que eu fiz.

No fundo eu me apeguei à Joana e foram tantos anos criando e dando vida a ela, que hoje não me vejo sem essa parte de mim. Ela precisava viver e ajudar outras mulheres. Quanto será que custa um machado na Irlanda?

FIM



**Slasher é um subgênero de filmes de terror quase sempre envolvendo assassinos psicopatas que matam aleatoriamente. Normalmente são feitos com baixo orçamento, daí são constantemente nomeados como "terror b".*

**Pupa: Vem de Irun Pupa, que significa cabelos vermelhos em ioruba, falada em diversos países ao sul do Saara, principalmente na Nigéria.*

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos meus amigos Brenda, Igor, Charlitto e Rafael por terem sido meus betas nesse conto e por todas as dicas. Agradeço você, querido leitor/leitora que tirou um tempo para apreciar a minha obra, isso é muito importante para mim.

Por fim, agradeço a minha psicóloga que me ajudou a superar diversos traumas e que me fez enxergar que eu tenho o total poder de decisão sobre o que fazer com os acontecimentos aleatórios e sombrios que surgem ao longo dessa louca jornada chamada vida.

Hey, psiu!

Vai embora ainda não. Se você gostou do meu conto, gostaria de pedir um favor, é rápido e vai me ajudar muito. Pode ser? Deixei sua avaliação na Amazon, você não imagina o quanto isso ajuda os autores. Conto contigo e agradeço demais!